

Veículo: Revista Cães e Gatos

1. Nome completo e cargo

Nélio Batista de Moraes, presidente da Comissão Nacional de Saúde Pública Veterinária do Conselho Federal de Medicina (CNSPV/CFMV)

2. Todos os anos é realizada a campanha antirrábica. Por que é feita, geralmente, no mês de agosto?

Historicamente, na Europa, no mês de agosto a concentração de cadelas no cio aumenta bastante devido às condições climáticas, sendo neste período que ocorre uma grande concentração de cadelas no cio (período fértil das fêmeas), onde o aumento de luminosidade ativa sexualmente todos os mamíferos.

Neste período, ocorre maior número de disputas entre machos para conquistar a fêmea, aumentando o risco de transmissão do vírus da Raiva, caso esteja presente. No Brasil, a partir do ano de 1982, teve início em várias Unidades da Federação, a campanha de vacinação antirrábica em um só dia, adotando o mesmo modelo das campanhas humanas

Além disso, no Brasil, existe um Calendário Nacional de Vacinação, que, estrategicamente, distribui as campanhas em períodos (meses), tais como multivacinação, Influenza, entre outras, pois é utilizada a mesma estrutura do sistema de saúde para suas execuções. Por isso, as campanhas contra a Raiva situavam-se entre os meses de agosto e setembro.

3. Qual o papel da Comissão Nacional de Saúde Pública Veterinária quando o assunto é raiva?

Nosso papel é o de responder às demandas internas e externas em que o CFMV é provocado. A Comissão Nacional de Saúde Pública Veterinária (CNSPV) atua em sintonia com o Sistema CFMV/CRMVs. Quando o assunto é Raiva e sua prevenção, nosso papel é o de capilarizar as estratégias, em parceria com as Comissões Regionais de Saúde Pública Veterinária implantadas nos Conselhos Regionais.

Buscamos parcerias com as universidades, centros de pesquisa, laboratórios, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) e as respectivas agências de Defesa Agropecuárias, além de órgãos gestores do Sistema Único de Saúde (SUS) nas esferas federal, estadual e municipal. Prestamos ainda assessoria técnica às respectivas coordenações de controle dos programas instalados, participamos em ou produzimos eventos de capacitação técnica, bem como realizamos a produção de material de divulgação, entre outros.

No contexto geral, cabe-nos moderar debates e sugerir formas de prevenção na transmissão de agentes e no controle de zoonoses, como a Raiva, para orientar profissionais da medicina veterinária e população em geral.

4. Qual o papel do médico-veterinário na Saúde Única, principalmente no que diz respeito à prevenção da raiva?

O Brasil por ser um país de dimensões continentais, composto por vários biomas e possuidor de uma fauna e flora que o coloca entre os líderes mundiais em diversidade e número de espécies, está predisposto a cenários singulares de determinados nichos e suas possíveis repercussões sanitárias. Destacamos como exemplo a presença de morcegos hematófagos, identificados apenas do sul do México ao norte da Argentina, e o principal responsável pela transmissão de Raiva aos herbívoros e, ocasionalmente, a animais domésticos e pessoas. Outro fator de risco, identificado no estado do Ceará – e depois em outras UF – são os calitriquídeos (saguis, soins ou micos), que possuem uma variante própria dos vírus e que mantêm um ciclo de transmissão, com o registro de casos em humanos nos estados do Ceará e do Piauí.

Diante de sua grade curricular na graduação, o médico-veterinário tem, nas respectivas disciplinas e conteúdos programáticos, a visão e o conhecimento dos aspectos Saúde-Doença e as respectivas interações ambientais, mudanças de processos produtivos e implicações de cadeias alimentares que originam os cenários de risco e vulnerabilidade para a instalação de patógenos e ocorrência de enfermidades zoonóticas.

Portanto, cabe ao médico-veterinário atuante na Saúde Única avaliar fatores de risco quanto à transmissão do vírus da Raiva no ambiente e em animais, visando alertar os órgãos de saúde e prevenir a ocorrência dessa zoonose, interagindo de forma estreita com as instituições e segmentos ambientais

5. A CNSPV faz encontros com veterinários? Se sim, quais as orientações dadas a eles para que passem aos tutores sobre essa zoonose?

Sim, sob a forma de eventos técnicos e científicos. As orientações primárias dizem respeito à conscientização de riscos e formas de prevenção. No ano de 2018, a Comissão já participou, como instrutora, em dois eventos no país: no Seminário de Atualização em Saúde Pública Veterinária, promovido pelo CRMV-AC, e um Seminário de Atualização em Saúde Pública para a Região Norte do Brasil e Maranhão, marcado para o dia 24 de julho, na cidade de Belém (PA), promovido em parceria do CFMV com o CRMV-PA. A proposta do CFMV é de que esses encontros possam ocorrer nas cinco regiões brasileiras, contemplando todo o país. Nesses eventos, a Raiva é uma das pautas prioritárias, sobre a qual os membros da Comissão realizam apresentações e convidam especialistas da região para contribuírem com o seu conhecimento.

6. Vemos uma onda antivacina entre os humanos. Há a preocupação que essa mesma tendência chegue à Medicina Veterinária? Se sim, o que o Conselho tem feito para que isso não se espalhe nos consultórios?

Considero que na clínica de animais de interesse econômico, bem como nas clínicas de pequenos animais e nas campanhas de Saúde Pública, não foi ainda identificada essa tendência, devido à evidência prática da eficácia de vacinação. Vacinou, não acontece a enfermidade; não vacinou, prejuízo por morte do animal.

7. O CFMV contabiliza os casos de raiva que acontecem em Brasil? Se sim, quantos foram no último ano? Caso não o façam, quem é o responsável por isso?

Não é papel do CFMV contabilizar os casos dessa zoonose, mas ter conhecimento. As notificações de casos de Raiva são acompanhadas pelos ministérios da Agricultura e da Saúde, mensalmente, através dos laboratórios de referência em cada estado e das Unidades de Saúde que atendem às pessoas expostas ao risco de transmissão por contatos com os animais.

8. Qual a mensagem do CFMV para os clínicos para que possam reforçar junto aos tutores sobre a importância da vacinação?

O CFMV, através de suas comissões, reforça junto aos profissionais das áreas de clínica que mantenham as ações de prevenção e controle na população animal para evitar a transmissão de doenças entre os animais de companhia e de zoonoses.

Enfatizamos que a Raiva é uma enfermidade quase que invariavelmente fatal, tanto nos homens como nos animais, portanto, não haverá uma segunda oportunidade de recuperação do animal. A única alternativa disponível e efetiva é a vacinação dos animais, mesmo que o ciclo urbano esteja controlado em sua região, pois a transmissão pelo ciclo silvestre, sobretudo em quirópteros (morcegos), canídeos silvestres (raposas, guaxinins) e primatas não humanos calitriquídeos (saguís e micos) é uma realidade a que se deve estar atento.

9. Deixe suas considerações finais.

O Sistema CFMV/CRMV, através das suas comissões de Saúde Pública, orienta os profissionais médicos-veterinários e zootecnistas para que atuem de forma conjunta com os órgãos do Meio Ambiente e Saúde Pública, com o objetivo de prevenir e controlar as doenças, seja em animais de interesse econômico ou de companhia, visando ao bem-estar animal e às possíveis interrupções dos ciclos de transmissão da Raiva e a conseqüente não ocorrência de doenças.

Vale reforçar que só o relevante papel da Vigilância como instrumento norteador do monitoramento e da tomada de decisões poderá dar as respostas efetivas ao alcance das metas preconizadas. O respeito a cada animal desconhecido, evitando contato, previne a maioria das zoonoses.

